

Capítulo 8

Catarina Doutor, João Filipe Marques & Susana Ambrósio

A cor da pele no Ensino Superior: Experiências de racismo no quotidiano dos estudantes provenientes dos PALOP em Portugal

Introdução

A entrada para o Ensino Superior em Portugal é, para muitos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a concretização de um projeto. Porém, uma vez alcançada essa meta, a vida destes estudantes não é isenta de obstáculos. Várias investigações têm vindo a apontar as diversas dificuldades que estes estudantes experimentam na sua adaptação ao Ensino Superior em Portugal (Rocha, 2012; Semedo, 2010). Muitas dessas dificuldades são de ordem económica (Doutor, Marques & Ambrósio, 2016; Pacheco, 1996), mas outras ficam a dever-se às diferenças de cultura e de valores relativamente aos países de origem (Duque, 2012; Ferro, 2010), outras ainda às manifestações de preconceito e de discriminação racial (Faria, 2011) que, infelizmente, parecem não estar ausentes do meio académico português.

Este capítulo explora os resultados parciais de um projeto de investigação mais vasto¹ sobre os processos de integração e as principais dificuldades encontradas pelos estudantes oriundos dos PALOP em duas universidades portuguesas. Outros resultados da mesma investigação podem ser encontrados em Ambrósio, Doutor, Marques e Lucio-Villegas (2014), Doutor, Marques e Fragoso (2014), Doutor, Marques e Ambrósio (2016) e

¹ Estudantes «Não Tradicionais» no Ensino Superior: Investigar para guiar a mudança institucional (PTDC/IVC-PEC/4886/2012), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)

Ambrósio, Marques, Santos e Doutor (2017).

A análise que aqui se apresenta teve como objetivo principal identificar e compreender as experiências e percepções subjetivas de racismo no Ensino Superior e no contexto social envolvente. Para tal, recorreu-se à análise de um conjunto de entrevistas semiestruturadas realizadas a estudantes provenientes dos PALOP, a diretores de curso e a docentes das Universidades do Algarve (UALg) e Aveiro (UA). Em concreto, exploram-se as respostas às seguintes questões de investigação: (i) Existem preconceitos raciais relativamente a estes estudantes no Ensino Superior e no contexto social envolvente? (ii) Como são subjetivamente percebidos e vividos pelos atores sociais? (iii) Serão esses preconceitos objetivados em comportamentos discriminatórios? (iv) Em caso afirmativo, em que medida essas atitudes e comportamentos constituem obstáculos à integração e ao sucesso académico destes estudantes?

Dificuldades sentidas pelos estudantes dos PALOP na adaptação ao Ensino Superior em Portugal

A transição para o Ensino Superior constitui, claramente, uma das mais significativas alterações na vida dos estudantes (Costa & Lopes, 2008). Esta questão assume maior importância quando se trata dos estudantes provenientes dos PALOP que decidem prosseguir os seus estudos em Portugal. A transição para o Ensino Superior é, para estes estudantes, a concretização de um sonho (Azevedo & Faria, 2006), podendo, também, revelar-se um remoinho de vivências positivas e negativas (Almeida, 2013). Diversas investigações realizadas sobre este tema, têm vindo a demonstrar que os estudantes provenientes dos PALOP, a estudar em Portugal, enfrentam ainda um vasto conjunto de obstáculos que, com frequência, se refletem no seu sucesso académico, uma vez que, para além de vivenciarem a adaptação a um novo país, têm, igualmente que se adaptar a um novo sistema de ensino. As referidas dificuldades remetem, desde logo para os procedimentos burocráticos, nomeadamente aquando da obtenção dos vistos de entrada e as autorizações de permanência em Portugal. De igual modo, as

questões burocráticas, como o acesso ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), ao centro de saúde e a outros organismos públicos portugueses estão subjacentes às principais dificuldades sentidas pelos estudantes na integração (Rocha, 2012; Vinagre, 2017). Depois de resolvidas as questões dos vistos, os principais problemas com que estes estudantes se confrontam prendem-se, indubitavelmente, com as questões financeiras, uma vez que as bolsas de estudo que auferem nem sempre são suficientes para fazer face às necessidades relacionadas com as propinas, a alimentação, o alojamento, os livros e todas as despesas inerentes à estadia em Portugal (Doutor, Marques & Ambrósio, 2016; Duque, 2012). Aliado a esta dificuldade, está também o sistemático atraso no pagamento das bolsas e, naturalmente, o elevado custo de vida de Portugal quando comparado com o dos países de origem (Pacheco, 1996).

A par das sistemáticas dificuldades económicas, outros problemas de adaptação mencionados em diversas investigações prendem-se com as diferenças de cultura, valores e costumes relativamente aos países de origem destes estudantes (Pacheco, 1996). Com efeito, o «choque cultural» vivido pelos estudantes estrangeiros processa-se a vários níveis como o da alimentação, do clima, as diferentes formas de interação social, entre outros (Ferro, 2010). Rocha (2012) acrescenta ainda a distância da família e dos amigos, uma vez que muitos estudantes se encontram, pela primeira vez, num contexto sociocultural diferente e no qual “os relacionamentos são mais distantes, superficiais e conotados como frios” (p. 69). Na realidade, as pessoas que estudam longe do seu país, para além do normal sentimento de nostalgia e de um certo sentimento de desconforto ou desorientação, podem mesmo apresentar dificuldades de adaptação à cultura do país de destino (Duque, 2012). De uma forma global, as emoções mais intensamente sentidas pelos estudantes na fase de adaptação são o isolamento, a insegurança, as saudades de casa (Pacheco, 1996) ou ainda, a alegria, o medo e a tristeza (Semedo, 2010).

Neste contexto, Ferro (2010) realça que os diferentes hábitos culturais,

assim como os modos de estar, são aspetos que dificultam a adaptação e o sucesso académico destes estudantes. Para além disso, a literatura refere, igualmente, que estes estudantes apresentam sérias dificuldades no domínio da variante europeia da língua portuguesa (Pacheco, 1996). Ora, no contexto do ensino superior, as competências linguísticas, não são apenas indispensáveis para o sucesso educativo, como contribuem fortemente para a integração social. Embora frequentemente se assuma sem discussão que o português constitui um patamar de encontro entre professores e estudantes e uma espécie de garantia da integração destes últimos, na prática, o grau de domínio da língua portuguesa pode constituir um entrave, quer ao seu sucesso académico, quer à sua integração social (Ferro, 2010).

Contudo, outro grupo de obstáculos vividos pelos estudantes oriundos dos PALOP nas universidades portuguesas - e que já não esperaríamos encontrar no século XXI - é constituído pelas manifestações de racismo que experienciam no seu quotidiano e que originam, por vezes, “conflitos e sentimentos de culpabilidade social” (Ferro, 2010, p. 270). Mas o preconceito racial na universidade portuguesa não é, de todo, uma problemática nova. O estudo realizado por Margarida Faria (2011), sobre as diásporas académicas dos estudantes angolanos para o ensino superior português, evidenciava que ser estudante universitário dos PALOP em Portugal significa enfrentar preconceitos raciais, desconfianças sobre as suas competências e, ainda, representações coloniais sobre África. É, portanto, possível que estes estudantes sintam significativas dificuldades de adaptação ao ensino superior devido às atitudes de preconceito e comportamentos discriminatórios de que são vítimas.

Desde a viragem do milénio que algumas investigações realizadas no âmbito da Psicologia Social (Cabecinhas, 2007; Vala, Brito & Lopes, 1998; Vala, 1999), seguindo de perto ou adaptando a conceitualização e o modelo psicossociológico de Thomas F. Pettigrew e Roel Meertens (Pettigrew & Meertens 1993; Meertens & Pettigrew, 1999), têm vindo a defender que, em Portugal, à semelhança do que ocorreu noutras sociedades «formalmente

anti-racistas», as expressões mais «flagrantes» de racismo foram substituídas por manifestações de um racismo «subtil». Segundo as análises citadas, o racismo exprimir-se-ia agora em Portugal através de atitudes socialmente aceites que consistem, fundamentalmente, numa acentuação das diferenças culturais - e já não «raciais» - entre «brancos» e «negros» e na ideia segundo a qual os «negros» não partilham os valores necessários à adaptação à cultura dominante. Estas crenças seriam acompanhadas pela incapacidade em exprimir emoções positivas relativamente aos indivíduos categorizados como «negros». Outras vezes, porém, se têm vindo a insurgir contra estas conclusões, denunciando inclusive que a insistência na retórica da substituição do «racismo flagrante» pelo «racismo subtil» pode mesmo vir ter como consequência não desejada, a ocultação das manifestações mais flagrantes do racismo (Machado, 2001; Marques, 2006, 2012). Aliás, como escreveu Machado (2001),

A insistência tendencialmente exclusiva na temática do racismo subtil, nos termos em que tem sido veiculada especialmente pelos estudos de Thomas Pettigrew e pela sua réplica em Portugal, tem favorecido a ideia de que, hoje, todo ou quase todo o racismo é desse tipo, o que não deixa de contribuir para subestimar e ocultar as suas manifestações mais abertas. (p. 65)

Os resultados que em seguida se apresentam são consentâneos com esta última posição: parece haver muito pouco de subtil no racismo que é quotidianamente percebido e vivido pelos estudantes dos PALOP em Portugal. Estes estudantes são, antes, vítimas da forma de racismo que a investigadora holandesa Philomena Essed conceitualizou através da expressão «racismo quotidiano» (*everyday racism*). Nas suas formas empiricamente observáveis, o racismo possui uma dimensão comportamental (a segregação, a discriminação ou a violência) e uma dimensão cognitiva (os estereótipos negativos ou preconceitos). Na perspetiva teórica do «racismo quotidiano» que é aqui mobilizada, «os aspetos cognitivos e comportamentais do racismo combinam-se e operam em sincronia como partes de um mesmo processo. Perspetiva que é consistente com a visão de outros autores, segundo os quais

o pensamento quotidiano é inseparável do comportamento quotidiano (Essed, 1991, p. 50). Desta forma, o racismo quotidiano «envolve práticas racistas que estão infiltradas na vida quotidiana, fazendo parte daquilo que é visto como “normal” pelo grupo dominante. Tal como a vida quotidiana, o racismo quotidiano é heterogéneo nas suas manifestações e, ao mesmo tempo, unificado pela repetição de práticas semelhantes» (Essed, 1991, p. 288).

Metodologia e contexto da investigação

Como foi referido, neste capítulo analisamos alguns resultados de um projeto de investigação intitulado “Estudantes Não-Tradicionais no Ensino Superior: investigar para guiar a mudança institucional”, o qual teve o propósito de compreender a situação geral dos estudantes não-tradicionais no Ensino Superior e, em particular, a dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Com o presente estudo pretende-se responder às seguintes questões de investigação: (i) Existem preconceitos relativamente a estes estudantes no Ensino Superior? (ii) Como são subjetivamente percebidos e vividos pelos atores sociais? (iii) Serão esses preconceitos objetivados em comportamentos discriminatórios? (iv) Em caso afirmativo, em que medida essas atitudes e comportamentos constituem obstáculos à integração e ao sucesso académico destes estudantes?

Para alcançar esse objetivo, utilizou-se uma metodologia de cariz qualitativo, mais concretamente, um conjunto alargado de entrevistas semiestruturadas realizadas em ambas as Instituições de Ensino Superior. Após a transcrição na íntegra das entrevistas, recorreu-se à análise de conteúdo como técnica de análise de dados. Neste contexto, foi efetuada uma análise de conteúdo temática, com o intuito de identificar as categorias/temas emergentes do discurso dos entrevistados relacionadas com os objetivos propostos (Bardin, 2009). Para facilitar a análise, recorreu-se ao programa de análise de dados qualitativos – NVivo. Desta forma, a análise de conteúdo, enquanto

técnica de análise de discurso, permitiu a identificação de cinco categorias: (i) dificuldades na integração em grupos de trabalho; (ii) crença de que os estudantes oriundos dos PALOP têm menos conhecimentos; (iii) falta de apoio por parte de alguns docentes; (iv) dificuldades no alojamento e (v) experiências de racismo na sociedade.

Relativamente aos procedimentos metodológicos, foi utilizada uma amostra de conveniência (Coutinho, 2011) dos estudantes provenientes dos PALOP, matriculados no ano letivo de 2013/2014, dos diretores de curso e dos docentes da UAlg. Para a constituição da amostra dos estudantes oriundos dos PALOP foram tidos em consideração os seguintes critérios: o género, o país de origem e a área científica do ciclo de estudos (licenciatura/mestrado). Para os diretores de curso e docentes foram estabelecidos como critérios de inclusão: o género e o ciclo de estudos lecionado, no sentido de entrevistar diretores de curso e docentes que lecionavam nos cursos frequentados pelos estudantes dos PALOP. Numa fase inicial, os estudantes foram contactados, por telefone, enquanto que os diretores de curso e os docentes foram contactados via e-mail, tendo sido explicados os objetivos do estudo e solicitada a sua participação. No momento das entrevistas, garantiu-se o anonimato dos participantes, assim como a confidencialidade das informações recolhidas.

Na Universidade do Algarve foram entrevistados 15 estudantes (oito mulheres e sete homens), de diferentes nacionalidades (dez de Cabo Verde, dois de Angola, dois de Moçambique e um da Guiné-Bissau) com idades compreendidas entre os 18 e os 38 anos. No que respeita ao 1º ciclo de estudos, dois estudantes frequentavam a licenciatura de Engenharia Civil e os restantes encontravam-se distribuídos pelas seguintes áreas científicas: Ortoprotesia, Farmácia, Património Cultural, Gestão Hoteleira, Línguas e Comunicação, Ciências Biomédicas, Assessoria de Administração, Dietética e Nutrição, Turismo, Biologia Marinha e Mestrado Integrado em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações. Dois estudantes frequentavam o 2º ciclo de estudos, mais concretamente o Mestrado em Biologia. No

momento de realização das entrevistas, seis estudantes frequentavam o 1º ano; quatro estudantes o 2º ano; três estudantes o 3º ano e dois estudantes tinham quatro matrículas na licenciatura. Foram entrevistados cinco diretores de curso (três homens e duas mulheres) com idades que variavam entre os 34 anos e os 65 anos. Por fim, foram entrevistados quatro docentes (três mulheres e um homem) com uma experiência profissional na UAlg entre os 6 e os 30 anos.

Na Universidade de Aveiro foram entrevistados 16 estudantes (onze mulheres e cinco homens), com idades compreendidas entre os 19 e os 36 anos. Quanto à sua nacionalidade, dois estudantes eram angolanos, outros dois moçambicanos, quatro eram São-Tomenses e sete eram Cabo-Verdianos. No que diz respeito aos cursos de 1º ciclo frequentados, quatro estudantes frequentavam o curso de Administração Pública, três o curso de Engenharia Química, dois o curso de Meteorologia e Geofísica e outros dois o curso de Gestão. Os cursos de Turismo, Ciências Políticas, Engenharia Eletrónica e das Telecomunicações, Contabilidade e Ciências Marinhas foram a escolha dos restantes cinco estudantes entrevistados. Quanto aos diretores de curso, foram entrevistados seis diretores de curso (três mulheres e três homens) dos cursos com o maior número de estudantes oriundos dos PALOP.

Racismo no Ensino Superior: as experiências dos estudantes dos PALOP

Experiências do «racismo quotidiano» no Ensino Superior

Em primeiro lugar, a adaptação ao Ensino Superior pode constituir uma tarefa árdua para todos os estudantes. Na realidade, o primeiro ano do curso superior no qual ingressaram é um período crítico, dado que implica adaptação e integração num novo ambiente. Para os estudantes oriundos dos PALOP, esta adaptação assume uma maior importância. Para alguns estudantes as principais dificuldades de adaptação ao Ensino Superior foram o resultado dos preconceitos associados à cor da pele demonstrados por alguns colegas portugueses. Como fica bem evidente da leitura deste testemunho:

A minha adaptação aqui na universidade não foi tão fácil. Primeiro, porque infelizmente há pessoas que ainda dão mais importância à cor da pele, infelizmente! (...) porque basta olhar para biologia [e] geneticamente nós somos todos iguais, lá por dentro. Quer dizer são 46 cromossomas para um e 46 cromossomas para outro. Então, eu acredito que basta entender isso para perceber que a cor da pele não tem nenhuma relevância, não tem nenhum significado. E foi com isso, e até agora ainda a gente encara, nós sabemos, nós estamos conscientes que alguns conseguem fingir, mas não muito bem. (...) E então foi, foi difícil até certo ponto, por causa disso mesmo. Tu chegavas na cantina ou no quarto de banho e ainda há quem passava, não é toda a gente é claro, mas há sempre um ou outro que mostra esses comportamentos. (UAlg, F, 24, Angola, Mestrado em Biologia)

i. Dificuldades na integração em grupos de trabalho

O grau de participação nos trabalhos de grupo constitui uma variável suscetível de explicar a integração académica dos estudantes e de influir no seu sucesso escolar. Não poucos estudantes entrevistados apontaram sérias dificuldades na constituição de grupos de trabalho com os colegas portugueses, destacando a sistemática rejeição por parte dos colegas de turma, o que denota os processos de segregação com base na pertença «racial» que lhes estão subjacentes.

No primeiro ano tipo sofri uma atitude um bocado racista por parte da minha colega, na altura foi no primeiro dia quando eu entrei no laboratório, o professor fez uma revisão da matéria de química, que eu já sabia. Parece que ela estava assustada, não sei porquê. Então eu estava no mesmo grupo do que ela. Só que ela não queria ficar no mesmo grupo que eu. Então o professor disse assim: «- Então, mas porquê?» «- Então, porque ela vem de África e lá o ensino não é igual ao de cá, ela não sabe, ela não fala». (UAlg, F, 22, Cabo Verde, Dietética e Nutrição)

Eu, basicamente, não tive colegas de licenciatura, não tive mesmo, há uma divisão bem clara, havia grupos a quererem ficar com 5 ou 6 elementos enquanto eu estava sozinha e outros alunos sozinhos posso dizer que até

entrar na turma já havia lugares reservados só para aquele grupinho. (UA, F, 25, Cabo Verde, Gestão)

Também os Diretores de Curso referem as dificuldades sentidas pelos estudantes dos PALOP aquando da constituição dos trabalhos de grupo:

É mais difícil. Ou se agrupam entre eles ou há exceções agradáveis, se são pessoas totalmente populares e que se integram com muita facilidade, mas se eu quiser generalizar, [tenho de dizer que] de um modo geral que dificilmente se integram nos grupos dos outros (UALg, Diretor do Curso de Dietética e Nutrição)

Estes dados são consonantes com a investigação recente desenvolvida por Vinagre (2017), que demonstra que os estudantes provenientes dos PALOP vivem uma rejeição quotidiana por parte dos colegas portugueses, a qual é entendida como o resultado dos seus preconceitos. As situações descritas parecem ser responsáveis pela tendência de os estudantes africanos constituírem grupos quase exclusivamente entre si, fazendo com que a profecia se cumpra a si própria.

Contudo, alguns docentes das duas universidades estudadas negam veementemente a existência de atitudes preconceituosas ou de processos discriminatórios o que, por um lado, pode indiciar a «invisibilidade» do fenómeno – só perceptível por quem o vive «na pele» - e, por outro, pode ser sintoma de um certo efeito de «negação» tão típico do «não racismo» dos portugueses (Marques, 2007a, 2007b). A maioria dos diretores de curso defende que as turmas são coesas e que os estudantes oriundos dos PALOP estão bem integrados.

Eu acho que discriminação académica não sinto tanto, acho que academicamente isso não acontece. Dentro da universidade não me tenho apercebido. E dentro do grupo com que lido isso nunca foi um problema. A integração sempre correu bem. (UALg, Docente no Curso de Ciências Biomédicas)

Eu acho que a integração, de forma geral, é boa, não há problemas de

integração. Nós temos até um aluno guineense que faz parte da direção do núcleo de estudantes, mas como em todo o lado há alunos mais... [retraídos]. No início eles retraem-se um pouco, até por questões até um pouco culturais, mas acho que a integração aqui não tem levantado problemas. (UA, D5)

ii. A crença de que os estudantes dos PALOP têm menos conhecimentos

Enquanto alguns estudantes dizem ter na universidade grupos mistos unidos e fortes, outros afirmam inequivocamente ter tido sérios problemas de relacionamento com os colegas, revelando assim a força do preconceito dos estudantes universitários portugueses. Por exemplo, os estudantes portugueses parecem ter como certo que os estudantes africanos «têm menos conhecimentos», «sabem pouco» ou «não sabem usar um computador ou um telemóvel»:

Infelizmente, temos tido problemas de pessoas com preconceitos. Eu, no 1º ano de Faculdade tive alguns colegas e não sei se é uma questão de cor ou de tradição, mas havia um certo preconceito de pensar que o estudante africano não sabe ou sabe pouco (...). Por exemplo, para fazer trabalhos em grupo, pelo menos eu tive dificuldades, em formar grupos. Eu quis formar um grupo e as pessoas vão-se esquivando (...). Mas quando formávamos os grupos havia algum preconceito... Eu acho que esse é um problema dos estudantes africanos no geral. (...), se estivéssemos em grupo e aquilo que é a tua ideia, as pessoas ouvem-na e olham um para o outro. Mas será que está certo? Há um certo receio, só quando um diz: “ah sim, sim, tem razão”, os outros dois depois já concordam também, (...) quer dizer [que] a tua ideia não é recebida logo de bom grado no princípio. (UAlg, M, 27, Moçambique, Engenharia Civil)

Ninguém fala comigo, vou para a sala, sento-me e só se eu falar com eles é que eles falam assim, assim. Até hoje, no curso, eu até posso encontrar um colega para fazer trabalho de grupo, hoje a gente faz trabalho de grupo, mas

quando me encontram na rua é como se não me conhecessem. (UA, F, 21, Cabo Verde, Meteorologia, Oceanografia e Geofísica)

iii. Falta de apoio por parte de alguns docentes

Aparecem também no discurso dos estudantes entrevistados descrições das atitudes de docentes que roçam efetivamente a discriminação. Trata-se, por exemplo, do «evitamento do olhar», da recusa do esclarecimento de dúvidas e de um generalizado «tratamento diferenciado» dos estudantes oriundos dos PALOP relativamente aos estudantes portugueses.

Chegamos a sentir talvez alguma recusa no olhar. Ainda nos olham assim. Olha, eu arrisco-me a dizer que o que eu senti com um docente, aquilo foi mesmo com o que se quer acabar no mundo, Racismo! Eu acredito que seja, mas eu não quero que isso seja levantado. Porque eu acho que por mais que a pessoa tenha um milhão de dificuldades, não merece ser tratada como nós fomos! E nós fomos tratados muito mal. (UAlg, M, 25, Angola, Mestrado em Biologia)

É ainda importante destacar o descontentamento de uma docente do curso de Biologia Marinha da Universidade do Algarve relativamente ao comportamento de um dos seus colegas, ao afirmar que:

Houve um professor aqui desta casa, da FCT, [...] que quando eles entraram, deve ter percebido, pela cor da pele, que eram novos, que eram [os] três [...] de Moçambique [e disse]: «- O que é que estão aqui a fazer? Vocês vão chumbar. Estão aqui a fazer o quê?» (UAlg, Docente no Curso de Biologia Marinha)

Os testemunhos deixam claro que os estudantes provenientes dos PALOP experimentam certas formas de racismo no ambiente académico. Na realidade, os comportamentos discriminatórios e segregacionistas de alguns colegas de turma na constituição de grupos de trabalho e a falta de apoio por parte de alguns docentes podem constituir obstáculos à integração e, naturalmente, ao sucesso académico destes estudantes.

O racismo quotidiano na sociedade portuguesa

Alguns dos entrevistados sentem-se vítimas de preconceitos e de atitudes discriminatórias na sua vida fora da universidade. As situações que descrevem demonstram vivências quotidianas do racismo relativamente aos africanos em geral:

As pessoas olham mesmo, quer dizer, como se você fosse diferente. Mesmo em situações do nosso dia-a-dia, em supermercados, a gente por exemplo chega num sítio, pergunta quanto é que é um determinado produto e as pessoas procuram dizer que têm um produto mais barato. Como se nós tivéssemos, pela nossa cor da pele, só possibilidade de comprar aquela coisa. (UAlg, M, 38, Moçambique, Assessoria de Administração)

i. Dificuldades no alojamento

Outros estudantes afirmam ter sentido alguma forma de discriminação aquando da tentativa de arrendar um quarto ou um apartamento, os quais aparecem subitamente ocupados quando os proprietários constatarem a cor da pele dos candidatos, ou então quando se apercebem que são estudantes oriundos dos PALOP. O testemunho seguinte ilustra esta situação:

Quando o senhor foi nos entregar a chave e para pagar tudo, então ele disse assim «- Ah! Mas eu não sabia que vocês eram africanos...». Então a minha amiga disse assim «- Sim, mas o que é que isso tem a ver?». «Não, porque vocês africanos fazem muito barulho, vocês não sabem conviver! Não sei quem vocês são porcos e não sei quê». E não nos deu a chave. (UAlg, F, 22, Cabo Verde, Dietética e Nutrição)

Estes resultados são concordantes com as conclusões das investigações desenvolvidas por Pacheco (1996), Rocha (2012) e Seibert (2013), que também assinalaram as dificuldades dos estudantes provenientes dos PALOP no que diz respeito ao alojamento em Portugal, principalmente por lhes ser negado o aluguer de um quarto por questões raciais ou de nacionalidade.

ii. Experiências de racismo no quotidiano

Questionados abertamente sobre as suas experiências de racismo no quotidiano, alguns estudantes africanos revelam, não sem algum pudor, as situações pelos quais passaram:

O racismo aqui em Portugal ainda é muito predominante, pelo menos eu já sofri racismo depois que eu cheguei cá; quer na Universidade, quer fora. Nas discotecas, vi muito racismo. (...) se os estudantes africanos forem para uma discoteca portuguesa mesmo como estudantes da UAlg não nos deixam entrar porque somos pretos. E se formos com raparigas portuguesas, se formos dois e tiver outros brancos, a gente entra. Se for com raparigas africanas não entramos! É uma coisa que ainda que se nota muito cá em Portugal, entre alunos, na Universidade também já sofri isto. (UAlg, F, 21, Cabo Verde, Património Cultural)

Compreensivelmente, ainda no âmbito da experiência do racismo na sociedade portuguesa, os estudantes revelam mais facilmente as situações vividas por outros colegas africanos do que aquelas vividas por si próprios.

Por exemplo, lembro-me de uma situação de uma colega minha estar na fila do McDonald's e tem uma mulher com uma criança à frente e a criança estava encostada na minha colega e a mulher afasta a criança e diz "Não toques na Negra!" Está a ver? Pronto, isso acontece. (UAlg, F, 18, Cabo Verde, Ciências Biomédicas)

É importante ressaltar que o tema do racismo é frequentemente abordado entre os próprios estudantes africanos:

Quando estamos todos juntos esse é um assunto [do racismo] que a gente está sempre a debater porque a gente não sente rejeitado porque a gente sabe que a gente é preto e a gente assume isso. Até um dia estava na brincadeira com um gajo e disse assim; "Se tu me chamares de preto, eu te chamo de branco, porque tu és branco eu sou preto. É uma realidade que é visível. (...). Agora qual é a diferença? Não sabes quem eu sou. Mas eu, pelo simples facto de tu me chamares de preto, já sei como é que tu és: és uma pessoa racista, uma pessoa preconceituosa, uma pessoa ignorante, porque uma pessoa que

chama outro preto ou de negro para mim essa pessoa é ignorante, porque é que vais chamar uma pessoa de preto sabendo que ele já o é? Não é preciso estar a lembrar que ele é preto, ele tem consciência disso.” Então pronto, acabou. (UAlg, F, 21, Cabo Verde, Património Cultural)

À semelhança dos estudantes entrevistados no estudo de Rocha (2012), também os nossos entrevistados provenientes dos PALOP referem que a insistência dos portugueses no que diz respeito às diferenças raciais e culturais é o resultado da existência de preconceitos raciais na sociedade.

Eu sinto alguma coisa [de racismo]. Eu acho que as pessoas ficam sempre com aquilo na cabeça, que temos alguma coisa diferente. (...) há discriminação sim, sem dúvida. Não deveria haver, mas há. Eu acho que a discriminação é apenas eles estarem a pensar que somos diferentes, isso já é discriminação. Estão sempre a falar do facto de que somos mais escuros, estão sempre com isso na mente. Mesmo a brincar, estão sempre a falar “ah, preto”, mas a brincar estão a mostrar a diferença entre eu e tu. Tu és preto e eu sou branco. Eu acho que deveríamos era esquecer disso porque isso fere as pessoas. Não é? Isso sente-se e essas formas provocam, às vezes, rebeldias nas pessoas africanas que depois fazem coisas que também não é correto, porque se sentem ameaçadas e começam a ser pessoas mais brutas. (UAlg, M, 19, Cabo Verde, Engenharia Civil)

Os resultados obtidos revelam também que os estudantes africanos vivem, no seu dia-a-dia, sentimentos como o medo e a desconfiança generalizada dos portugueses:

Mas, às vezes, o pessoal vê-nos e parece que fica com medo, que vamos fazer alguma coisa... isso acontece muito. Mas eu estou a falar de um modo mais geral do que só na universidade. (...) porque às vezes me veem na rua ou estamos a passar e desviam ou passam com a cara baixa. Como se estivessem com medo do mal que eu possa fazer para vocês. (UAlg, M, 19, Cabo Verde, Engenharia Civil)

Considerações finais

A adaptação dos estudantes oriundos dos PALOP, quer à sociedade portuguesa, quer às universidades portuguesas constitui um fenómeno complexo e, por isso mesmo, não é isenta de dificuldades e, conseqüentemente, aos problemas associados ao sucesso académico destes estudantes. Como vimos, essas dificuldades prendem-se com questões burocráticas relacionadas com os vistos, carências financeiras (Doutor, Marques & Ambrósio, 2016; Duque, 2012; Ferro, 2012), dificuldades no domínio do português europeu (e especificamente no português académico) (Ambrósio, Marques, Santos & Doutor, 2017; Pacheco, 1996) e, por conseguinte, dificuldades académicas (Pacheco, 1996), bem como implicações dos contrastes culturais entre Portugal e os seus países (Duque, 2012; Ferro, 2010; Pacheco, 1996). Em boa verdade, estas dificuldades e obstáculos já diagnosticados há mais de trinta anos, e recorrentemente reiterados por diversas investigações, perduram ainda hoje, facto que nos parece seriamente preocupante.

Contudo, recuperando as questões de investigação a que o presente estudo pretendeu dar resposta, é possível afirmar com algum grau de segurança que, apesar de a sociedade portuguesa se ter vindo a assumir como formalmente antirracista e apesar do fluxo dos estudantes dos PALOP para o Ensino Superior Português ter vindo a aumentar ao longo das últimas décadas, subsistem ainda preconceitos raciais num contexto institucional aparentemente insuspeito. Os preconceitos estão associados, por exemplo, à crença numa diferença de capacidades entre os estudantes nacionais e os estrangeiros parecem recorrentes. Estas atitudes são claramente percebidas e subjetivamente vividas pelos estudantes com um significativo desconforto.

É possível também concluir que, em certas circunstâncias, as atitudes dão lugar às práticas; concretamente à discriminação e à segregação, como é o caso das recusas sistemáticas em aceitar com normalidade estes estudantes nos grupos de trabalho. Não é, pois, de estranhar que este preconceito transformado em prática de um «racismo quotidiano», a somar ao conjunto de dificuldades com que estes estudantes se confrontam, venha a dificultar

ainda mais a integração e, conseqüentemente, o sucesso acadêmico dos estudantes oriundos dos PALOP.

As principais conclusões que se retiram deste capítulo são as seguintes: aos obstáculos típicos associados a estudar no estrangeiro já mencionados, se junta a experiência de um «racismo quotidiano», quer fora da universidade, quer dentro das suas «portas». A este respeito, já há alguns anos que a investigação levada a cabo por Margarida Faria (2011) indicava que, ser estudante dos PALOP no ensino superior em Portugal representa, portanto, enfrentar preconceitos raciais e desconfianças relativamente às suas competências. Também Duque (2012) evidenciou, na sua pesquisa, que a sociedade portuguesa continua a demonstrar atitudes discriminatórias e preconceitos face aos estudantes originários dos PALOP, posturas estas que, conseqüentemente, se instalam também em ambiente académico.

Desta forma, não pode deixar de constituir um verdadeiro imperativo que a agenda de investigação sobre as condições de vida e de ensino e aprendizagem dos estudantes do Ensino Superior em Portugal passe a incluir, quanto antes, a pesquisa não apenas sobre as atitudes, mas fundamentalmente sobre as práticas de racismo neste contexto.

Agradecimentos

Este artigo foi financiado através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), projeto UID/SOC/04020/2013; e de uma bolsa individual de doutoramento (também financiada pela FCT) com a referência SFRH/BD/120463/2016.

Referências

- Almeida, A. N. (2013). Apresentação. In A. N. Almeida (Coord.), *Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos* (pp. 7-14). Lisboa: Educa.
- Ambrósio, S., Doutor, C., Marques, J. F., & Lucio-Villegas, E. (2014). Respostas institucionais à integração dos estudantes dos PALOP: pontos comuns e pontos divergentes entre duas Instituições de Ensino Superior. In M. J. Carvalho, A. Loureiro, & C. A. Ferreira (Orgs.), *Atas do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação: Ciências da Educação - Espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar* (pp. 2140-2151). Vila Real: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE).
- Ambrósio, S., Marques, J. F., Santos, L., & Doutor, C. (2017). Higher Education Institutions and International Students' hindrances: The case of the students from the African Portuguese Speaking Countries at two European Portuguese Universities. *Journal of International Students*, 7(2), 367-394.
- Azevedo, A. S. & Faria, L. (2006). Motivação, sucesso e transição para o Ensino Superior. *PSICOLOGIA*, XX (2), 69-83.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cabecinhas, R. (2007). Preto e Branco – A naturalização da discriminação racial. Porto: Campo das Letras.
- Costa, A. F. & Lopes, J. T. (2008). Os estudantes e os seus Trajectos no Ensino Superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas. Relatório Final. Lisboa: CIES-ISCTE-UL & ISFLUP.
- Coutinho, C. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. Lisboa: Almedina.
- Doutor, C., Marques, J. F., & Fragoso, A. (2014). "African student's perspectives in Higher Education in Portugal: integration and challenges". In M. Gołębniak, & M. Starnawski (Eds.), "*Multiculturalism*" today:

aspirations, realities and crisis debates International Conference Proceedings - ESREA Network on Migration, Ethnicity, Racism and Xenophobia (pp.34-42). Wrocław: University of Lower Silesia.

Doutor, C., Marques, J. F., & Ambrósio, S. (2016). Transição para Portugal: O caso dos estudantes provenientes dos PALOP no Ensino Superior. In J. F. Marques, M. H. Martins, C. Doutor, & T. Gonçalves (Eds.), *Universidade. Estudantes “Não Tradicionais” no Ensino Superior: Transições, Obstáculos e Conquistas* (pp. 22-34). Faro: Universidade do Algarve.

Duque, E. (2012). Representações e expectativas dos estudantes universitários dos PALOP. In APS (Org.), *Sociedade, crise e reconfigurações: actas do VII Congresso Português de Sociologia*, Porto: Universidade do Porto. Retrieved from http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1384_ed.pdf.

Faria, M. L. (2011). Diásporas académicas: estudantes angolanos no ensino superior português. In M. C. Silva, et al. (Orgs.), *Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto: livro de actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais* (pp. 810-817). Braga: Universidade do Minho.

Ferro, M. (2010). Teoria crítica e aconselhamento: para uma intervenção multicultural com os estudantes da cooperação na Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Machado, F. L. (2001). Contextos e percepções de racismo no quotidiano. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (36), 53-80.

Marques, J. F. (2007a). *Do «não racismo» português aos dois racismos dos portugueses*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

Marques, J. F. (2007b). Les racistes c'est les autres ; sur les origines du mythe du « non-racisme » des Portugais. *Lusotopie*, vol. XIV(1), 71-90.

Marques, J. F. (2006). Racismo na sociedade portuguesa contemporânea; «flagrante» ou «subtil»? In F. Cruz (Org.), *Actas do I Congresso Internacional: Imigração em Portugal e na União Europeia* (pp. 385-407). Vila Real de Santo António: Associação para a Investigação e o Desenvolvimento Sócio-cultural (AGIR).

- Marques, J. F. (2012). Racism in Portugal; the recent research. In H. Moser, A. P. Ortega, & A. Sprung (Eds), *Europe in crisis – migrations, racisms and belongings in the new economic order: Proceedings of the ESREA Network on Migration, Ethnicity, Racism and Xenophobia* (pp. 148-153). Austria: University of Graz.
- Meertens, R. W. & Pettigrew, T. F. (1999). Será o racismo subtil mesmo racismo? In J. Vala (Org.), *Novos Racismos. Perspectivas Comparativas* (pp. 11-29). Oeiras: Celta Editora.
- Pacheco, N. (1996). Tempos de “Sozinhos” em Pasárgada: Estratégias identitárias de estudantes dos PALOP em Portugal (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1993). Le racisme voilé: dimensions et mesure. In M. Wiewiorika (Dir.), *Racisme et modernité* (pp. 109-140). Paris: La découverte.
- Rocha, E. (2012). Avaliação dos processos de integração dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no ISCTE (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Semedo, M. (2010). *Emoções mistas: integração social e académica dos alunos provenientes dos PALOP* (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Seibert, G. (2013). Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Ensino Superior e Trajetórias em Portugal. In M. A. Barreto, & Costa, A. B. (Coord.), *II Coopedu – África e o Mundo - Livro de Atas* (pp. 282-308). Óbidos: ISCTE-IUL, CEA e ESECS- IPL.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1998). *Expressões do Racismo em Portugal*. Lisboa: ICS. Vala, J. (Org.) (1999). *Novos Racismos. Perspetivas Comparativas*. Oeiras: Celta Editora.
- Vinagre, V. (2017). Ser Estudante dos PALOP na Universidade do Algarve: uma abordagem a partir de histórias de vida (Tese de Mestrado). Universidade do Algarve, Faro.